



3959 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT12 - Currículo

O CURRÍCULO VIVIDO NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA SOCIOLÓGICA  
Sílvia Janaina Silveira Gomes - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
Nilma Margarida de Castro Crusoé - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

### O CURRÍCULO VIVIDO NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA SOCIOLÓGICA

#### RESUMO

Este estudo objetiva apresentar uma aproximação teórica inicial entre o currículo vivido na escola e a Fenomenologia Sociológica. Adotamos a concepção de *sentido* em Schutz (2012) para defender a Fenomenologia Sociológica como método capaz de apresentar um novo olhar sobre o currículo vivido na escola pelos professores. Percebemos o currículo como um texto atravessado por sentidos atribuídos pelos docentes que o (re)significam e executam em sala de aula e que, mesmo compartilhando currículo, espaço escolar e estudantes (ambiente comunicativo compartilhado), o realizam tendo em vista, também, subjetividades construídas na relação com o outro no mundo da vida. Há diferença entre o currículo prescrito e o currículo vivido na escola, haja vista que o espaço educacional comporta professores que são seres singulares vivendo em intersubjetividade no mundo da vida, com sua situação biograficamente determinada, diferentes motivações e concepções acerca do processo educativo, do currículo e de sua própria prática docente, o que implica em diferentes sentidos de currículo e, conseqüentemente, diferentes práticas para um mesmo currículo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Currículo Vivido. Fenomenologia Sociológica. Sentido.

### O CURRÍCULO VIVIDO NA ESCOLA NA PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA SOCIOLÓGICA

#### INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo apresentar uma aproximação teórica inicial entre o currículo vivido na escola e a Fenomenologia Sociológica. O interesse por realizar tal empreendimento teórico se deve ao fato de desenvolvermos estudos sobre práticas formativas tendo a Fenomenologia Sociológica como método. Adotamos a concepção de *sentido* em Schutz (2012) para defender a Fenomenologia Sociológica como método capaz de apresentar um novo olhar sobre o currículo vivido na escola pelos professores, no âmbito de suas práticas.

Percebemos o currículo como um texto atravessado por sentidos (significados), atribuídos pelos professores que o (re)significam e executam em sala de aula e que, mesmo compartilhando o currículo, o espaço escolar e os estudantes (ambiente comunicativo compartilhado), o realizam tendo em vista, também, subjetividades construídas na relação com o outro, no mundo da vida.

Professores não apenas executam o currículo, mas o (re)significam à medida em que o adaptam em sua prática com seus estudantes. Se por um lado o currículo lhes parece verticalizado, cristalizado; por outro mostra-se flexível, horizontalizado, uma vez que os docentes têm a liberdade de (re)significá-lo a partir de suas próprias motivações que, segundo Schutz (*apud* AMADO, 2014) são as responsáveis pela compreensão das ações humanas, ou seja, são as motivações, as encarregadas pela autonomia desenvolvida pelo professor na execução do currículo vivido na escola.

São elas, as motivações, as responsáveis por levar o ator social a projetar e realizar (ou não) uma ação – no caso, a (re)significação do currículo pelo professor – e esta, uma vez realizada, é passível de ser significada a partir da reflexão, da suspensão do mundo da vida (SCHUTZ, 2012) para atribuir significado às suas ações. Assim, há diferença entre o currículo prescrito e o currículo vivido na escola, haja vista que o espaço educacional comporta professores que são seres singulares vivendo em intersubjetividade no mundo da vida com sua situação biograficamente determinada – sua história, sua experiência de vida – (SCHUTZ, 2012), com diferentes motivações e diferentes concepções acerca do processo educativo, do currículo e de sua própria prática docente, o que implica em diferentes sentidos de currículo e, conseqüentemente, diferentes práticas docentes para um mesmo currículo.

O professor reflete sobre o currículo a sua experiência de mundo, suas relevâncias, seus conhecimentos e lhe atribui sentido; é realizado a partir dos significados atribuídos pelo docente ao próprio currículo. Logo, o mesmo currículo que é imposto, em sua execução apresenta-se subjetivamente ligado às experiências do professor que o (re)significa e executa em sala de aula. A construção desses sentidos pelos professores que determina a execução do currículo no cotidiano escolar é o ponto de confluência entre o currículo e a

Fenomenologia Sociológica e se constitui a discussão a ser empreendida neste texto.

## **FENOMENOLOGIA SOCIOLOGICA: BREVES CONSIDERAÇÕES**

A Fenomenologia Sociológica parte do pressuposto de que os atores sociais – indivíduos que vivem em intersubjetividade com outros indivíduos no mundo da vida – (SCHUTZ, 2012) vivem intersubjetivamente com outros atores, experienciando o mundo e a vida. A partir dessas experiências os atores atribuem-lhes sentido quando chamados à reflexão num movimento de retorno às experiências passadas a fim de pensar sobre elas e significá-las (SCHUTZ, 2012).

Schutz (2012) situa os atores sociais no mundo da vida – cenário no qual (e também objeto sobre o qual) agimos, vivemos, interagimos no/sobre o mundo – onde constroem a própria realidade a partir de experiências intersubjetivas com os demais atores; disso decorre a experiência e atribuição de significados (sentidos) às experiências. Para Schutz (2012), o sentido resulta das experiências vividas pelos atores sociais, das interações que estes estabelecem enquanto vivem/atuam no/sobre o mundo, do contato com outros atores sociais; não é intrínseco à experiência e apresenta uma interpretação reflexiva dela. É nesse processo de significação que os indivíduos atribuem sentido ao mundo da vida.

Desse modo, o sentido da ação em Schutz (2012) associa-se com a compreensão que se faz dela, assim, enquanto vive no mundo da vida, os sujeitos seguem esse fluxo sem se dar conta de suas ações, sem refletir sobre elas, apenas vivem quase que mecanicamente. Uma vez convidados à reflexão sobre suas ações, tornam-se capazes de pensar sobre elas e, compreendendo-as, atribuem-lhes sentido.

Nesta perspectiva, entendendo o ator social como um indivíduo que compartilha o mundo da vida com os outros atores e tendo em vista que suas experiências se tornam significativas somente após já terem ocorrido (SCHUTZ, 2012), – uma vez que só olhando as ações no passado é possível refletir sobre elas e, assim, significá-las –, diferentes sentidos certamente compõem o currículo para o professor. Identificá-los e compreendê-los demandaria pesquisa empírica – o que não se constitui intenção deste texto, mas estabelecer uma discussão teórica a respeito do currículo vivido na escola à luz da Fenomenologia Sociológica.

## **O CURRÍCULO VIVIDO E A FENOMENOLOGIA SOCIOLOGICA: APROXIMAÇÕES INICIAIS**

Analisar o currículo sob a óptica da Fenomenologia Sociológica implica entendê-lo como um texto que é permeado por sentidos atribuídos pelos professores que o executam em sala de aula, uma vez que, mesmo participando de um ambiente comunicativo compartilhado – ambiente comum onde os atores sociais partilham suas vidas conscientes – (SCHUTZ, 2012) com os demais docentes na execução do currículo, ao mesmo tempo dispõem de um ambiente subjetivo dado particularmente a cada um deles e isso possibilita, à execução do currículo, a singularidade das subjetividades dos atores sociais que o concretizam no contexto escolar.

Em suas ações cotidianas, os professores executam o currículo – que é estabelecido verticalmente, aparentemente com poucas possibilidades de modificação – partindo de sua situação biograficamente determinada, o que, de acordo com Schutz (2012, p. 85), significa “[...] uma história; a sedimentação de todas as experiências prévias do indivíduo [...]”. A situação biograficamente determinada dos professores produz seu sistema de relevâncias, ou seja, a “[...] importância que os objetos e os contextos possuem para o sujeito” (MINAYO, 2010, p. 146) e isso é que “[...] determina, por sua vez, quais elementos devem ser transformados em um substrato de tipificação generalizadora, quais destas devem ser consideradas típicas e quais são únicas e individuais” (SCHUTZ, 2012, p. 85).

Tipificando a realidade, o professor executa o currículo ancorado em seu estoque de conhecimento e a partir de sua situação biograficamente determinada, segundo seu sistema de relevâncias, logo, o currículo executado na prática dos docentes no contexto escolar não é apenas um texto verticalizado, mas é significado (SCHUTZ, 2012) por eles, pois, não se concretiza com fidelidade às prescrições, mas sofre modificações e inferências dos professores.

O estoque de conhecimento do professor juntamente com a sua situação biograficamente determinada e seu sistema de relevâncias têm relação direta com os sentidos atribuídos por ele ao currículo e, consequentemente, com a sua execução no contexto da escola. Será partindo de suas próprias experiências, do conhecimento acumulado e sedimentado em sua história de vida que o professor irá refletir sobre o currículo e executá-lo em sua prática; é o currículo vivido na escola.

Para além das prescrições curriculares, o sistema de relevâncias do professor é que determinará como os conteúdos serão trabalhados em sala de aula e quais metodologias serão utilizadas para realizar seu trabalho dentro de sua margem de autonomia. Por isso, o currículo executado pelos professores não é homogêneo, ainda que tenha a mesma prescrição e seja realizado numa mesma escola e com as mesmas turmas de estudantes: porque cada docente possui sua própria situação biograficamente determinada com seu próprio estoque de conhecimento e seu próprio sistema de relevâncias e esses atuarão de modos diferentes entre os atores sociais nos momentos de reflexão sobre o currículo e sua execução no contexto escolar.

Daí a diferença entre o currículo prescrito e o currículo vivido a partir do olhar da Fenomenologia Sociológica, pois, partindo da perspectiva desse método, o currículo é um tecido significativo significado – atribuído de sentidos – pelos professores – indivíduos singulares, porém, subjetivos vivendo em intersubjetividade com outros sujeitos no mundo da vida – que o executam em sala de aula, tornando heterogêneo o que, aparentemente – apenas superficialmente – apresenta-se como homogêneo: o currículo escolar.

É possível acessar o currículo vivido via consciência. Nesse movimento, pesquisador e pesquisado, buscam a intencionalidade da consciência frente aos objetos do mundo da vida que, no caso específico, seria o currículo escolar. Estudar o currículo escolar como currículo vivido pela Fenomenologia Sociológica implica buscar o sentido desse currículo via intencionalidade da consciência. Acessá-lo como experiência da consciência significa, entre outros aspectos, que consciência e objeto aparecem simultaneamente, ou seja, só existe

currículo para o professor porque existe uma consciência que o percebe e que não há uma correlação direta entre o currículo como experiência significativa e o currículo prescrito. O currículo que aqui chamamos de vivido não é o currículo como vivência, mas o currículo como experiência e esta é sempre intersubjetiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pensar no currículo vivido na escola a partir da perspectiva da Fenomenologia Sociológica implica entendê-lo como um texto imbricado de sentidos atribuídos pelos professores que o executam no cotidiano escolar. Tais sentidos são construídos a partir das experiências dos docentes no mundo da vida e evidenciados a partir da reflexão sobre suas ações. Logo, sendo as vivências de cada docente intersubjetivas, os sentidos atribuídos ao currículo e sua execução são diversos, uma vez que resultam de seu sistema de relevâncias determinado por sua situação biograficamente determinada e de seu estoque de conhecimento.

Assim, o currículo é interpretado pelo professor que não o executa tal com as prescrições, mas o (re)significa incorporando-lhe seu sistema de relevâncias e atribuindo-lhe sentido, o que confere, ao currículo, uma heterogeneidade naquilo que poderia ser entendido como homogeneidade (caso o currículo fosse executado estritamente a partir de suas prescrições).

Não se constitui pretensão deste trabalho esgotar o tema, mas fomentar reflexões, no campo da educação, que aproximem aspectos relacionados ao método da Fenomenologia Sociológica e possibilidades de pesquisa sobre o currículo vivido na perspectiva de *sentidos* sobre currículo atribuídos pelos professores, atravessados por crenças e valores, muitas vezes construídos em outros espaços sociais.

## **REFERÊNCIAS**

AMADO, J. **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

SHULTZ, A. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Edição e organização: Helmut T. R. Wagner. Tradução: Raquel Weiss. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.